



## PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: A CONSTRUÇÃO DE UM TEMA DE PESQUISA E O RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL

Suzana Rozendo<sup>1</sup>

**RESUMO:** Como escolher um tema de pesquisa diante de milhares de possibilidades? De que maneira se inserir em um universo que não corresponde à realidade do pesquisador? Quais as formas de lidar com as “crises” que surgem durante o processo investigativo? A partir do relato da escolha de cursar Jornalismo, a autora versa sobre esses questionamentos e explica como um homem sem-teto foi o responsável pela ideia de seu Trabalho de Conclusão de Curso - o videodocumentário “Droga de Rua” (UFMS, 2008) - e a inspiração para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado “Ocas” e Hecho en Buenos Aires: um outro tipo de jornalismo na América Latina?, realizada através no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2012).

**PALAVRAS-CHAVE:** *pesquisa científica; TCC; pessoas em situação de rua; street papers; Jornalismo.*

---

<sup>1</sup> Formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2008) e mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (2012). E-mail: sukirozendo@hotmail.com

Acredito que todas as pessoas que resolvem se dedicar à pesquisa científica, o façam por algum motivo particular ou por influência de alguém. No meu caso foi uma experiência de vida muito interessante, a partir da escolha de cursar Jornalismo.

Até os 12 anos de idade, eu dizia para o mundo todo que seria médica. Como tive uma saúde muito frágil na infância, nutria grande admiração pela Medicina, mas tudo mudou depois de uma atividade que me foi atribuída pelo meu grupo de escoteiros. Minha função era entrevistar o delegado regional e investigar os principais motivos que levavam crianças e adolescentes para o mundo das drogas, em Presidente Prudente, interior de São Paulo, minha cidade natal.

Lá fui eu, com uma caneta *Bic* e uma brochura na mão fazer perguntas para o homem que vestia terno e gravata. Expliquei o trabalho e comecei a questioná-lo. Quanto mais ele falava, mais eu me interessava e anotava tudo rapidamente, às vezes, sem nem olhar para o caderno. No final, depois de agradecê-lo pela disponibilidade em me atender, ele fez um afago no meu cabelo e disse: “Você já pensou em ser jornalista? Acho que leva jeito para a coisa”!

Pronto, bastaram duas frases para que eu dissesse adeus à Medicina. Sendo assim, passei todo o meu colegial com a ideia fixa de ser jornalista. Foi quando no primeiro ano, ganhei um *Guia do Estudante*, que apontava o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como o melhor do Brasil, ao lado da faculdade Cásper Líbero.

Sem muita noção do que estava fazendo, mudei-me para Florianópolis, sozinha, aos 16 anos, e comecei a estudar no colégio *Dom Bosco*. Foi um ano intenso no qual precisei aprender, além das matérias escolares, os afazeres domésticos e a administrar a minha pequena mesada. No final de 2003, chegou a esperada prova de vestibular. Sempre tive dificuldades de me concentrar com barulho e, no dia do teste, a banda oficial da Polícia Militar estava ensaiando para o concerto de Natal no *Clube Paula Ramos*, bem ao lado da escola onde eu estava fazendo a prova. Resultado? Reprovei na UFSC.

O meu desapontamento foi tão grande que resolvi abandonar os meus planos. Pensei que, de repente, o futuro estaria me reservando outros caminhos. Como acontece com muita gente que não consegue descobrir qual é, afinal, a sua vocação, peguei a

minha mala, mudei-me para Lages/SC e comecei a estudar Engenharia Agrônômica na Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Apesar de adorar os colegas de turma, não teve jeito, não consegui gostar do curso e resolvi insistir no Jornalismo.

No mesmo ano, prestei exame em várias universidades, inclusive na UFSC, mas o meu nome só saiu na lista de aprovados da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e para Campo Grande, frustrada, eu me mudei.

Meio desanimada por não estar onde queria, participava de todas as aulas e sentia afinidade com as disciplinas. Sempre que possível, nos finais de semana, visitava a minha família em Presidente Prudente. E a história da pesquisa científica começa agora. Tudo aconteceu na volta do feriado de 7 de setembro para Campo Grande. Aos 19 anos, dentro de um ônibus interestadual, tive a sorte de me sentar ao lado de um simpático “morador de rua”.

Ao contrário do que possa parecer, ele não estava sujo, não tinha mau cheiro, não estava alcoolizado e não estava com a barba e as unhas compridas. Não me lembro quem iniciou o papo, só sei que ele começou a me contar sua história de vida. “O meu nome? Pode me chamar de ‘véio’ Nivaldo”. Ele me disse que trabalhava como metalúrgico lá em Pernambuco, mas que sua vida havia se transformado depois da aposentadoria. A casa onde morava com a esposa, os filhos e os netos, tinha virado uma “boca de fumo”. Ele, por ser evangélico - inclusive fez questão de me mostrar sua carteirinha da igreja *Assembleia de Deus* - não concordava com aquela prática e resolveu sair pelo mundo, deixando para trás a família narcotraficante e os pertences. Possuía nas mãos apenas uma mochila, uma muda de roupas, uma escova de dentes, um creme dental, um sabonete, um desodorante, alguns trocados, uma pequena bíblia e muitas passagens rodoviárias. Algumas, inclusive, ele me deu para guardar de recordação, junto com uma foto 3 por 4 e três bilhetes de loteria que havia apostado e ainda faltava sair o resultado.

Dizia ele que há três anos estava em situação de rua e indaguei-o sobre o seu *modus vivendi*. Então, contou-me que sempre ao desembarcar em alguma cidade, a primeira coisa que fazia era procurar por um abrigo para que pudesse fazer as refeições, dormir e tomar banho. Ele pedia as passagens de ônibus nas Secretarias de Assistência Social para seguir o trecho. Não havia destino, qualquer cidade que lhe vinha à cabeça ou que escutasse alguém falar bem, era a próxima parada. Durante o dia, quando não

podia ficar alojado, perambulava pelas ruas procurando latinhas e depois vendia o alumínio para conseguir um pouco de dinheiro. Também fazia questão de visitar todos os pontos turísticos gratuitos das cidades. Jurou pra mim “de pé junto” e sem cruzar os dedos que, em Brasília, tinha visto de perto o então presidente Lula havia poucos dias. O brilho nos olhos de velho Nivaldo sumia sempre que se lembrava da família. Era nítido que aquela vida de trecheiro não era a que ele desejava, mas nunca mais quis saber “daquelas pessoas desonestas”.

Na parada do ônibus, descemos em um posto, repartiu o bolo de fubá cremoso que minha mãe havia preparado e ele fez questão de pagar o meu refrigerante. Na hora de reembarcar, ainda perguntou: “Você não quer mais nada não”?

Foram aproximadamente cinco horas de conversa, muitas risadas e uma experiência fantástica. Desci em Campo Grande, ele seguiu em frente. Na hora de nos despedirmos, uma surpresa: ele chorou! Chorou de escorrer lágrimas, agradeceu-me o pedaço de bolo e disse que nunca iria se esquecer de mim. Fiquei intrigada com tamanha carência. Como alguém poderia chorar por saudade de uma pessoa que acabara de conhecer no ônibus? Mal sabia o velho Nivaldo que quem nunca iria se esquecer dele seria eu.

O tempo passou e, no último ano de faculdade, surgiu-me uma dúvida: o que fazer de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)? Lembrei-me do meu amigo do ônibus e fiquei curiosa para saber por onde ele andava. Torci para que ainda estivesse vivo. E então me surgiu um *insight*: por que não fazer um documentário sobre as pessoas de rua para saber por que elas foram parar nas calçadas, como viviam e por que não saíam desta vida?

Santaella (2001), explica que a construção de um tema de pesquisa surge como “uma pulga atrás da orelha”:

...um tema surge quase sempre da intenção ainda imprecisa. Uma imprecisão que só pode ser indicadora de que a escolha de um tema advém menos de uma vontade racional do que de motivos sobre os quais temos pouco domínio consciente. De fato, um tema é algo que nos fisga, para o qual nos sentimos atraídos sem saber bem por quê. Por isso mesmo, temas de pesquisa não devem ser mudados diante da primeira dificuldade que se apresenta ou diante de influências alheias. Um tema nasce de um desejo, que é, por sua própria natureza, sempre obscuro, e não costuma adiantar muito a tentativa de lhe virar as costas. (...) Não obstante a imprecisão, é claro que os temas têm tudo a ver com a história de vida e, especialmente, com a história intelectual do pesquisador (Santaella, 2001: 158).

Durante um ano, passei várias madrugadas nas ruas de Campo Grande conhecendo o “lado B” do espaço público. Para conseguir a confiança deles, pedi apoio de uma panificadora, que me fornecia os alimentos perecíveis não vendidos durante o dia. Então, como estratégia de abordagem, eu me aproximava e dizia: “E ai? Está com fome? Tenho comida aqui”.

Dependendo da reação do indivíduo, eu emendava uma conversa e perguntava onde poderia encontrá-la novamente para fazer a gravação. Quando não, marcava ponto nos horários de distribuição de comida feita por instituições religiosas. Sentava-me na calçada, partilhava das refeições, ouvia as histórias e falava qual era o meu objetivo.

Essa interação foi de extrema importância para poder me familiarizar com estas pessoas que sempre estiveram ligadas a imagens negativas. Com pouco dinheiro no bolso e uma câmera na mão, consegui valiosos depoimentos. Descobri que a rua não é tão violenta quanto parece e passei a refutar a ideia de que todos os desabrigados são desonestos.

Em certa ocasião, doei um livro de Direito a um dos entrevistados que sonhava em ser promotor de justiça, e dentro dele havia um documento pessoal, que deixei por engano. Algumas horas mais tarde, o rapaz apareceu na empresa onde eu fazia estágio para devolver o papel. Recebi-o e agradei pela devolução, entretanto, fui reprimida pelo meu chefe, que pensou que aquele cidadão estava ali para fazer um assalto.

Como conclusão do documentário, mostrei que, em Campo Grande, o principal motivo que fazia com que as pessoas se sentissem instigadas a voltar aos padrões normais da sociedade eram as convicções religiosas, notadamente a igreja evangélica que investia na troca de um bom almoço por alguns minutos de pregação. Assim, quem demonstrasse vontade de sair das ruas para dedicar-se a Deus, era acolhido, recebia moradia, roupas e trabalho. Neste caso, as ações de caridade da Igreja se mostravam mais efetivas que as políticas públicas de Mato Grosso do Sul.

No entanto, dois meses antes de terminar o filme, descobri a existência dos *street papers*, jornais e revistas vendidos e, às vezes, produzidos por desabrigados. Fiquei sabendo que havia três projetos destes no Brasil e uma revista famosa na Argentina, mas já não havia mais tempo de mudar o foco da pesquisa.

Na banca de apresentação do TCC, uma professora convidada finalizou a fala dela dizendo “Você não pode parar esta pesquisa por aqui”. Foi o que eu fiz, por isso, decidi fazer o mestrado.

Recém-formada, fui para o mercado de trabalho e atuei no telejornalismo e em assessoria de imprensa. A experiência prática foi fundamental para adquirir maturidade e compreender melhor os processos jornalísticos antes de voltar à vida acadêmica.

Em 2010, resolvi participar do processo seletivo do Programa de Mestrado em Jornalismo da UFSC e uma das etapas era a análise do pré-projeto de dissertação. Sabia que queria estudar os *street papers*, mas não sabia o quê, especificamente, e nem como. Havia um “leque” de opções, pois existiam 140 publicações diferentes, em quarenta países do mundo.

Foram muitos dias e muitas noites pensando em um recorte, até que, aos poucos, as ideias foram se encaixando. Para tanto, levei em conta as indicações de Barros e Junqueira (2006):

Mas como definir um tema diante de tantas possibilidades? É importante optar por um tema relacionado com os interesses acadêmicos do pesquisador ou com sua experiência e/ou perspectivas de trabalho, área de atuação ou objeto de curiosidade acadêmica. Escolher corretamente o tema é crucial para o êxito do trabalho. A escolha implica observar uma série de fatores (Barros; Junqueira, 2006: 39).

Os autores apontam que dentre esses fatores fundamentais estão a afinidade, a relevância, a propriedade e o realismo. O pesquisador não pode se aventurar em empreitadas impossíveis; deve sentir-se à vontade com o assunto escolhido; o trabalho precisa ter importância, não apenas para o acadêmico, mas também para quem tiver interessado no assunto e o tema escolhido deve relacionar-se direta ou indiretamente com a área de atuação ou interesse de quem está pesquisando.

A princípio, meus objetivos eram analisar como ocorrem as trocas de experiências entre as equipes envolvidas na elaboração dos produtos editoriais e os vendedores sem-teto, além de investigar de que maneira a venda dos *street papers* poderia trazer mudanças positivas na vida das pessoas em situação de rua.

O pré-projeto foi selecionado e, no segundo semestre de 2010, começaram as aulas de Teorias do Jornalismo e Metodologias de Pesquisa Aplicadas ao Jornalismo. Ao final das duas disciplinas, pude enxergar que teria que modificar meus objetivos iniciais, pois não seria possível mensurar as transformações sociais ocorridas na vida

dos vendedores em dois anos e eu não teria o domínio de uma metodologia adequada para legitimar o resultado.

Depois de várias conversas com meu orientador, Mauro César Silveira, e de ter participado de congressos, seminários e encontros de Comunicação que me auxiliaram a desenvolver uma reflexão crítica sobre trabalho, havia chegado a hora de “botar a mão na massa” e delimitar um novo objeto de estudo. De acordo com Barros e Junqueira (2006):

O objeto de estudo deve ser restrito, específico, bem delimitado, formulado a partir do tema do trabalho. Um tema pode gerar vários objetos. Ao restringir o foco, evita-se ficar perdido pelo caminho, ou que a amplitude demasiada implique pouca profundidade (Barros, Junqueira, 2006, p.41).

Sendo assim, elegi uma reflexão sobre o jornalismo presente na revista *Hecho en Buenos Aires*, da Argentina e a *Ocas*”, do Brasil, com destaque para as colunas *Prensa del Asfalto e Cabeça sem Teto*. Meus objetivos foram verificar se essa produção representava um outro tipo de jornalismo, diferente das categorias existentes, e se havia a efetiva participação dos vendedores em sua elaboração<sup>2</sup>.

Entretanto, algumas vezes, durante as visitas de campo, entrei em crise com a minha delimitação da pesquisa e encontrei dificuldades em manter uma “conversa” equilibrada entre a teoria e a empiria. Quando isso acontecia, precisava me distanciar um tempo do assunto e “respirar novos ares” para depois voltar à pesquisa. Outro ponto importante foi não me deixar levar pelo envolvimento com os sujeitos de estudo para não “adocicar” a redação do texto e não deixar a subjetividade influenciar em nenhuma análise. Sobre esse tipo de aproximação, Bourdieu, citando Bachelard diz que: “todo químico deve combater em si o alquimista”.

No final, tudo deu certo. Depois de produzir o texto – munida de muita cafeína - e fazer algumas “cirurgias” nos capítulos da dissertação para deixá-la mais objetiva, conclui que história das pessoas em situação de rua é marcada por rupturas. De longe são vistos pela sociedade como iguais, perigosos e drogados, mas os sem-teto são bem diferentes e as causas que os fizeram “morar” nas ruas, também.

---

<sup>2</sup> O vídeo da defesa de mestrado *Ocas*” e *Hecho en Buenos Aires: um outro tipo de jornalismo na América Latina?* Está disponível em: [http://videoconferencia.cce.ufsc.br/index.php?option=com\\_flexicontent&view=items&cid=84&id=1739](http://videoconferencia.cce.ufsc.br/index.php?option=com_flexicontent&view=items&cid=84&id=1739). Acesso em: 1 ago. 2012.

As colunas *Prensa del Asfalto* e *Cabeça sem Teto*, das revistas *Hecho en Buenos Aires* e *Ocas*”, em sintonia com a missão das organizações, são destinadas à produção de conteúdo de seus vendedores. Pelo que pude analisar durante o período de pesquisa, existe sim, a participação deles na elaboração dessa parte da publicação. No entanto, considerei essa participação pequena, se comparada aos depoimentos dos gestores e à análise do conteúdo.

Os assuntos veiculados, de julho de 2010 a junho de 2011, de ambas as revistas, não podem ser enquadrados integralmente em nenhuma classificação do jornalismo, mas, ao mesmo tempo, aproximam-se e distanciam-se de muitas delas em algumas características, como, por exemplo, da Comunicação Comunitária e dos Jornalisismos Cívico, Participativo e Cidadão.

Iniciar e concluir um programa de pós-graduação foi um grande desafio. Construir um tema de pesquisa e um objeto de estudo também não foi tarefa fácil, mas nada disso seria possível se eu não tivesse tido a sólida base teórica das disciplinas do mestrado, os aconselhamentos dos professores no processo de qualificação e o suporte paciente do meu orientador.

## Referências

BARROS, Antonio Teixeira de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *A elaboração do projeto de pesquisa*. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

BOURDIEU, Pierre, CHAMBOREDON, Jean-Claude e PASSERON, Jean-Claude. *A Profissão de Sociólogo – Preliminares Epistemológicas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo: Hacker editores, 2001.